



VISTA DE CAPRI, DO LADO DE NAPLES.

As energicas paginas de Tacito, descrevendo as dissoluções de Tiberio, deram nome a esta pequena ilha, lançada na entrada meridional do golpho de Naples, em face do cabo de Sorrento.

Augusto Cesar, antes d'aquelle tyranno habitára Capri; e a tinha recebido dos napolitanos em cambio da ilha de Ischia, que lhes havia tomado e que lhes restituiu por este preço. Em quanto os magnates romanos compendiavam as suas dilicias nas villas ou quintas espalhadas na costa fronteira do golpho napolitano, em Baias, Pouzzolo, e no amenissimo Pausilippo; Augusto foi postar-se diante d'elles, como para vigia-los, da outra banda da extensa bahia, n'esta ilha aprazivel e socegada, que o promontorio Athenen, hoje cabo de Sorrento, resguarda, no inverno, dos ventos impetuosos, e que a brisa do mar, durante o verão, tempera com agradavel frescura. Ahí residiu quatro annos, para o fim da sua vida, e levantou obras de que ainda vestigios existem. O aspecto radiante e bonançoso d'esta ilha formosa parecia assignala-la para habitação predestinada de Augusto; e todavia é o nome terrivel de Tiberio que paira acima de suas recordações, e que não cessam de repetir com horror os habitantes de suas praias afortunadas.

Tiberio mandára construir no ilheu de Capri, que não tem mais de duas leguas de comprimento por uma de largura, doze palacios, que dedicára aos doze numes superiores. Mal se distinguem hoje, pela maior parte, os residuos d'esses edificios; subsistem apenas alicerces, que tem sido pouco excavados, e afóra isso não se tem descoberto mais do que algumas camaras subterraneas, fragmentos de mosaico, e medalhas,

em sitios avulsos. A incuria tem deixado os abrolhos pacificamente cobrirem os despojos da magnificencia imperial; o ferro do arado é o instrumento unico, que de longe a longe e ao acaso, busca na terra os monumentos, testemunhas de uma notavel epocha da historia romana.

Em que periodo se desfizeram em pó os palacios de Tiberio?— O pharo, situado no pontal da ilha para o lado do promontorio Athenen, desabou pouco antes da morte do imperador, como nuncio dos futuros estragos. Vinte e seis annos depois de Tiberio haver dado o derradeiro arranco, um espantoso terremoto, que em toda a região italica se sentiu, e que não era mais que o precursor de mais terrivel calamidade, derribou a melhora dos monumentos de Pompeia, que se tem achado cercados de todo o apparatus da reedificação; por quanto, d'ahi a dezeseis annos, no 79 da era christã, reinando Tito, a maxima erupção, que rægou a cratera do Vesuvio, e que submergiu Pompeia e Herculano, mudou largamente a fórma do continente e das ilhas. Parece que antes d'esta catastrophe, Capri tivera um esteiro que abrigava as embarcações necessarias á segurança de Tiberio, e de que hoje não ha indicio. Uma convulsão que assim deu á ilha aspecto novo devia forçosamente derribar os palacios. Quando no seculo segundo, a mulher e a irmã do imperador Commodo estiveram desterradas em Capri, só deveriam achar os entulhos das moradas de Tiberio. A idade media, que arremecou os sarracenos para estas costas, pouco trabalho teria para completar a devastação dos edificios que por ventura ainda subsistissem. Um imperador, que sustentava então com esplendor

o nome augusto dos antigos romanos, Frederico Barba-rôxa, quiz ter um palacio na mesma ilha que Tiberio habitára, e o fez construir no mais alto pincaro. Havia muito (era no seculo duodecimo) que as construcções dos cesares tinham sido arrasadas.

A ilha tem a figura de uma grande barca prolongada, e duas agulhas oppostas marcam, como dois mastros, as extremidades. Entre estas montanhas pedregosas de cada uma das pontas ha uma faixa de terreno chão que atravessa a ilha, e que constitue um dos mais agradaveis sitios que se podem imaginar; é toda coberta de murtas, oliveiras, amendoeiras, laranjeiras, figueiras vinhas e terras de sementeira, que se mostram de uma belleza e fresquidão encantadoras. Ahi está sita a cidade de Capri, com dois ou tres conventos, o paço episcopal e perto de 1:800 habitantes. No vertice da parte occidental, a qual não é mais que uma rocha continua, por extremo elevada e inacessivel da banda do mar, tem assento a povoação de Anacapri, com 1:700 habitantes. O monte chama-se Solaro; e sobe-se a ella por uma rampa, talhada no rochedo, e que não tem menos de 500 degraus. Chegando-se ao cume da base do castello de Barba-rôxa desfructa-se a mais linda vista que póde haver n'este paiz admiravel. — Para o sul a vasta extensão do Mediterraneo; ao poente as ilhas de Ischia e Procida que guardam a outra margem do golpho de Napoles, a enseada de Baias e Pozzolo que lhe aformosea a entrada; ao norte o golpho em todo o seu brilho, a cidade estendida na falda das collinas, o Vesuvio que fumega sobranceiro á bella praia d'onde surgiram as cidades que engulira, substituidas por cidades novas: ao oriente o promontorio de Sorrento, de que parece ter sido Capri um prolongamento, separada talvez por algum fortissimo abalo em remotas eras; além do cabo, novo golpho, maior que o de Napoles, que com este fórma contraste severo, o de Salerno, nas duas praias do qual dormem duas cidades arrasadas pelos seculos; Paestum, sepulchro magnifico da arte grega; Amalfi, tumulo, não menos curioso, do commercio e da liberdade da idade média. — Taes são as recordações que suscitam as diversas perspectivas que se avistam do cimo do monte Solaro; porém, para reproduzir a magia das côres e das linhas d'este espectaculo unico, seria inefficaz e nullo o mais habil expressivo pincel.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico)

III

A mão direita ou a esquerda?

A CAVALGADA de D. Maria Paes entrou n'um valle, apertado entre outeiros vigosos, os pampanos das vinhas penduravam-se sobre um regato, que servia á sombra de grossos castanheiros. Atraz desdobrava-se a perder de vista a charneca lisa e arida; aqui e além rangia a copa esguia do pinheiro, erecto no meio das urzes e murtas bravas, como sentinella perdida na solidão. Adiante o sol, no occaso, dourava de pallidos reflexos as ameias negras, e a torre agigantada do paço acastellado de uma honra. O sopro da aragem ciciava, brincando, nas largas pregas do pendão. Aquella fortaleza era o castro d'Avellans, doado por Sancho I a Gomes Lourenço, o alferes o amigo de seu filho, D. Affonso.

Chegando defronte, todos colheram as redeas por movimento simultaneo; D. Martim Paes levantou-

se nos estribos, e mirou em roda. Virando-se depois para um homem já de idade, coberto da loriga trançada de tiras de couro cru, perguntou:

— «Tello Ervigiz de quem é aquella torre?»

— «A honra d'Avellans?...»

— «Sim! Não a deram a Gomes Lourenço?»

— «Dizem que deram.»

— «Que vos parece — acrescentou o cavalleiro, olhando para um monge de Cister que levava á esquerda — atrever-se-ha o de Riba-Douro?»

— «A raça do Espadeiro tem fama de não dobrar o joelho senão a Deus» respondeu o frade.

D. Martim sorriu-se ironicamente. Depois, voltando-se para sua irmã, continuou com apparente tranquillidade: — «D. Maria, é perigoso este passo. Voltae atraz; e Ervigiz com dois homens d'armas que vos acompanhe.»

— «Não irei; nunca dirão que uma dama de Lanhoso fugiu do pendão dos Viegas de Salzedas.»

— «Mas se elles vierem, minha irmã?... o que havemos de fazer d'estas creanças, que não podem com uma lança, com estes velhos, que já deram o que podiam dar?... Melhor é tornar ao conto de D. Nuno. Faz-se amanhã a jornada.»

— «Que vergonha!... Quereis que o nosso nome seja a fabula de Coimbra?... Hei de ir para diante, só que vá.»

— «E Deus conosco!» murmurou o monge.

— «Amen! reverendo nono, respondeu o cavalleiro. Adiante, vamos! Não quero que se gabem os de Salzedas que Martim Paes da Ribeira, fugisse da sombra do mais moço dos Viegas. Não, por Sancta Maria. Ainda que ahi nos esperasse Egas Moniz, o velho!»

O frade perguntou com timidez: — «Dura ainda a guerra entre vós e elles?»

Antes de responder, D. Martim passou a mão pela testa com tristeza.

— «Pizastes a terra de Sancta Maria, e repousastes á sombra dos carvalhos do meu solar de Lanhoso, e perguntaes-m'o ainda!»

— «Que odio tão velho!...»

— «Como o sangue que nos corre nas veias. Desde que houve solar em Riba Cavado, e torre na casa dos Viegas, abriu-se uma cova entre elles.»

— «E assim se perde a flôr dos bons cavalleiros! Se querem morrer, se teem pressa d'acabar, não está aberta ahi a fronteira dos mouros!... por que não morrem pela fé?»

— «Primeiro limpae o sangue que ressuma das pedras dos nossos castellos, acudiu o cavalleiro com viveza. Tirae-nos a memoria e o coração d'aqui...» E dizendo isto levava a mão ao peito e á cabeça com ar maguado.

Houve então uma pausa longa, durante a qual os dois caminhavam sem proferir palavra. D. Martim, passados instantes, ergueu a fronte, e com um suspiro exclamou:

— «Ai, padre! Muito sangue tem bebido aquella terra do Minho... e do melhor de Portugal.»

O monge não respondeu, nem levantou os olhos. O cavalleiro, pondo-lhe a mão no hombro, proseguiu:

— «Já ouvistes contar alguma vez a historia da torre velha de Sancta Olaia? Não a sei bem eu.»

— «Tenho-a de côr toda, replicou o frade. É uma historia que faz esfriar de horror.»

— «D'ahi vem, dizem, a rixa com os de Riba Douro.»

— «É odio que envelheceu com os seculos.»

— «E! e diz-se que, na mesma taça misturado, o sangue d'uns com o sangue d'outros não se une. Vê-de lá!»

Tornaram a calar-se; e ainda foi Martim Paes quem rompeu o silencio. Como se respondesse a um pensamento interior, e cruzando os braços, o cavalleiro exclamou:

— «E ha de se esquecer tudo... ha de se perder isto!»

O frade olhou para elle pasmado. D. Martim percebeu que era uma interrogação silenciosa.

— «Tendes irmã?» perguntou de repente.

Um aceno de cabeça negativo foi a resposta.

— «Abençoe o céu. Nunca soubestes então que amargura é não se atrever um cavalleiro a dizer alto o seu nome, sem divisar na bocca de todos um sorriso que lhe enterra a infamia pelo coração, como um punhal.»

O monge fitava-o com espanto. Não entendia nem as palavras que ouvira, nem a tristeza com que foram dictas.

— «O solar de Lanhoso estaria deshonrado, sancto monge, continuou o cavalleiro, se houvesse n'elle um covarde. Mas Martim Paes, o descendente de reis godos, o neto do conde Oseiro, soube guardar a herança de seu pai, soube vingá-la!...»

E nos olhos pretos e rasgados do irmão de Maria Paes reluziu uma faisca de cholera. Tinha feições mais bellas do que de ordinario costumam ser as dos homens; mas faltava-lhe a expressão viril, que dá o valor seguro de si e confiado na sua força. Notava-se na sua physionomia o que quer que era de carregado e inquieto. A vista do observador nada bom e generoso podia divisar n'ella; e momentos havia em que, rebrandando n'um relampago a raiva do coração, illuminava as paixões más que lá dentro bramiam vingativas.

Fr. Munio, cedendo ao impeto natural, sem saber o que dizia, exclamou:

— «E se não soubesse, e se deixasse manchar da calúnia um nome nobre, sem cravar de pés e mãos o traidor, merecia que lhe chamassem covarde.»

— «Obrigado, reverendo nono, obrigado! bradou o seu companheiro. Não se dirá com verdade. Metade da divida está paga, e a outra... pouco ha de viver quem não a ajustar.»

— «*Mca culpa, mca culpa!* murmurava, caíndo em si, o pobre frade. Préguei o orgulho, eu que devia ensinar a humildade!»

— «Está paga! proseguiu arrebatadamente o cavalleiro. Uma filha do solar de Lanhoso, a mulher que chamam minha irmã, atraçoando o sangue de pai e mãe, vendeu o nome ao inimigo da nossa raça... nem ella nem quem lh'o comprou se riem já!... Deus lhe perdoe, porque morreu; e a mim, se ajustei de mais a conta... não me restam remorsos. O que fiz, hoje, outra vez, tornava a...»

— «Ella morreu?»

— «Como havia de viver, padre, depois d'aquillo?... mas demais fallámos n'estas cousas.»

Entretidos n'esta conversação, tinham-se insensivelmente approximado do castro d'Avellans. O caminho, cavado entre cabeços, ia fechar a uma clareira, onde dois freixos altos e nodosos sobre a fonte mourisca chamada d'*aguas doces*, curvavam os ramos e teciam uma especie de toldo virente. D'alli partia a ladeira empinada, que se entrocava em voltas sinuosas até a porta do castello. O vulto massigo do alcaçar, esboçado no clarão duvidoso, avultava a distancia; e na aresta das ameias esmorecia cada vez mais o filete alaranjado do sol poente.

— «Ei-lo, o pendão dos soberbos cavalleiros de Salzedas! bradou Martim Paes. Viegas de Salzedas, os teus parentes trazem um nome muito pezado para elles — não ha um que possa alevantar o montante do Espadeiro!»

E o rico-homem de Lanhoso sorria com desdem para a torre, no alto da qual o vento desdobrava a bandeira quarteada de vermelho e branco com o açoitando.

O monge não abriu a bocca.

— «Cedo virá o dia, proseguiu o cavalleiro, em que os homens não fallem d'aquella raça orgulhosa sem chorar de dó pela sua queda. Os mesmos inimigos hão de chegar a ter compaixão d'ella. E o açoitando, accrescentou rindo, o açoitando sem garras irá esconder-se entre os penhascos nataes: então os filhos de Salzedas hão de procurar pelo ninho paterno... e o mais pobre ha de abençoar a sorte por se não chamar d'aquelle nome!...»

E voltando-se para o frade perguntou com voz rouca:

— «Como tractaveis o homem que fizesse de vossa irmã uma cousa vil, e do nome de seu pai o escarneo do ultimo villão?»

— «Matava-o!» replicou o monge, fazendo-se branco.

— «E deixei-o viver, eu! respondeu Martim Paes. — Mata-lo!... pedia-m'o de joelhos, elle!... Estes homens de Salzedas não têm medo de morrer, padre... a affronta, o desprezo é que os decepa.»

— «Que lhe fizestes vós então?»

— «Ceguei-lhe os olhos, e com um ferro em braza escrevi-lhe na testa o que se põe no hombro do captivo fugidizo: *escravo de Lanhoso.*»

— «Jesus!» bradou o monge, tremulo.

— «Oh! aquelle não torna mais a ser homem! Matei o cavalleiro, e quiz que vivesse o serviçal pedindo esmola ao soalheiro da praça, encostado ao bordão de mendigo... Affonso o lidador, querido de Sancho I, pagou-me com mil mortes a affronta... oh que chaga para o orgulho da sua raça... um rico-homem escravo de Lanhoso!»

Ia a responder o indignado monge, quando se avistou, descendo do cabeço fronteiro, um tropel de homens d'armas. Vinha adiante um cavalleiro com a vizeira do capello levantada. Era Gomes Lourenço.

— «Homens de Lanhoso, aqui! bradou Martim Paes, que logo o conheceu. Ervigiz, a minha lança e o meu escudo. Maria, Fr. Munio ficai n'este sitio.»

E largando as redeas ao cavallo, foi encontrar-se com o alferes do rei. Gomes Lourenço viu-o vir, e estacou o ginete. Encostou ao coxote direito o cabo da lança de monte, e nem desceu a vizeira.

— «D. Martim, disse elle com melancholia e dignidade, não venho fazer um rapto. Pego-vos vossa irmã D. Maria em casamento, e acabemos por uma vez estas rixas, que nos matam sem razão.»

Martim Paes olhou para elle com assombro. Não entendia aquella proposta, nem sabia a que a attribuisse. Cuidou, por fim, que era o temor que a inspirava. Um sorriso ironico fugiu-lhe nos beiços, ao responder:

— «Se teu pai te ouvisse agora, Gomes Lourenço, amaldiçoava a hora em que te gerou.»

— «Talvez!» replicou tristemente o mancebo.

O cavalleiro de Lanhoso tornou-o a encarar. O ar magoado, e a hesitação do amigo de Affonso II, cada vez mais o persuadia de que eram devidos ao medo da sua vingança.

— «Por Deus! exclamou com uma risada estrondosa, isto parece um conto de fadas... É um de Salzedas, ou uma mulher que está diante de mim?»

— «Martim Paes, trago a espada na bainha, não m'a faças desembainhar» retrucou o mancebo com tranquillidade.

— «Sancta Maria, é a humildade d'um anachoreta!... Reverendo cavalleiro, que vindes pedir com essa cara de penitente?»

— «A paz, e a mão de tua irmã» respondeu elle sem se alterar.

Martim Paes desatou a rir.

— Maria, minha irmã — gritou, virando-se para traz — mal sabes que fortuna nos espera. Aqui está uma pomba sem fel, tão namorado, que te pede em casamento!»

D. Maria sorriu contrafeita. Gomes Lourenço ia desmaiando visivelmente da côr escarlate da corrida.

— «Acabemos isto, e deixa-nos passar» disse o senhor de Lanhoso, em tom secco, ao seu contrario.

— «Dás-me a mão de tua irmã?» insistiu o moço alferes com firmeza.

— «Não, mil vezes não! E eu te digo porque. A raça d'onde descendo nunca teve covardes; e tu és covarde. Demais, quando o meu sangue se unir ao teu, has de vêr o mar em Coimbra. Deixa-nos passar.»

— «Recusas?»

— «Mette-te frade, e larga a espada.»

— «D. Martim!»

— «Já que o queres, aqui tens a resposta.»

E, descalcando o guante ferrado, atirou-o ás faces do mancebo. O sangue espirrou na cota matizada de côres. Gomes Lourenço não disse nada. Vibrando a lança curta arremessou-a direita ao peito de D. Martim. Este viu o tiro, e esquivou-se. O venablo, silvando nos ares, passou-lhe uma linha distante do lado, e foi cravar-se até meio cabo no tronco do primeiro freixo.

— «A pé, fraco villão!» bradou elle, saltando abaixo do cavallo. D. Martim fez o mesmo. Os homens d'armas de ambos encontraram-se tambem, mas os de Lanhoso pouco tempo disputaram o combate.

Continuava o duello dos dois cavalleiros. Emfim, de um golpe, Gomes Lourenço desarmou a D. Martim, ferindo-o no braço. A espada caíu-lhe da mão, em quanto o ferro inimigo descia como o raio, e, fâscando no arnez, assentou o frio gume mesmo sobre o coração. O rico-homem de Lanhoso sentiu fugir a luz dos olhos, vergou, desfalleceu, e ajoelhando uniu as mãos. Foi um acto de fraqueza.

Gomes Lourenço sorriu-se. Abaixando a ponta da espada, disse socegradamente:

— «Agora estás á minha mercê; perdoo-te a vida. Pódes apanhar aquella espada, que é mais curta que a tua lingua.»

Era um desprezo frio; uma vingança nobre e generosa como a alma de quem a tomava.

D. Martim ia a levantar-se. O mancebo susteve-o, pouzando-lhe a mão no hombro:

— «Espera. Offereci-te a paz, e tu escolheste a guerra. Vencido como estás, ainda te digo o mesmo. Dá-me tua irmã, e fiquemos amigos.»

— «Pódes leva-la, mas eu dar-t'a, nunca!»

— «Obrigado então; queria-a para mulher, e tu entregas-m'a sem condições. D. Martim, o teu orgulho precisa de melhor lança que o sustente.»

O moço Gomes Lourenço cumprimentou então o cavalleiro inimigo com ar de escarneo, e partiu para o seu castello, levando D. Maria Paes no meio da cavalgada.

D. Martim ficou immovel por algum tempo. Depois, livido, com os olhos róxos de furia, quebrou a espada em duas, e, fechando o cabo no punho, gritou:

— «Lembra-te, Gomes Lourenço, de que fizeste um punhal d'esta espada!»

O alferes d'elrei já o não ouvia.



ARMADURAS NO XIV SÉCULO.

(O THEATRO e romance modernos, roubando á traça o seu patrimonio, e desenterrando do pó do esquecimento os pergaminhos das tradições, lendas e feitos da idade media, pozeram em scena a vida publica e

a vida íntima d'esses seculos em que se travou a lucta da barbaria com a civilisação, de que brotou a policia e cultura dos nossos tempos. A guerra era então estado permanente da sociedade, e por isso as minimas circumstancias que lhe dizem respeito tem sido exploradas e explicadas para completa intelligencia dos dramas e narrações em que figuram os principes, os paladinos, e os malfetores da epocha. As armaduras era ponto importante para taes investigações, e de sobejo estão descriptas as dos cavalleiros e outros guerreiros principaes, sem escaparem as dos povos semi-barbaros, que, de origem septentrional, se achavam estabelecidos nos climas mais brandos da Europa, nem as do arabe buligoso e mais culto, que temperou a rudeza dos costumes das nações peninsulares.

Tendo já tractado por vezes este assumpto nos precedentes volumes, damos agora um specimen, copiado de um antigo desenho, das armaduras das classes inferiores dos exercitos. Não entendemos por estas a milicia feudal, composta de quantos homens havia nos senhorios em estado de pegar em armas. Esses, arrancados dos trabalhos rusticos e ordinarios da vida para os campos de batalha, não tinham de ordinario outros resguardos e armas defensivas mais que seus grosseiros trajos, e o capacete e colete de couro, vindo d'este, talvez, o nome da *couraca*.

Os senhores-feudaes tinham reconhecido o inconveniente de tropas tão mal equipadas, e começaram de alugar mercenarios, que mantinham em seus solares e presidios, e que, servindo assalariados, tiveram a denominação latina de *servientes*, da qual o francez fez a palavra *sergents*. Foi esta a tropa a quem seus amos proveram de armas defensivas, e que combatia a pé usando do arco, besta, dardo, adaga, e partazana. A nossa estampa, desenho contemporaneo de semelhantes militantes, da sufficiente ideia de seu equipamento.

ERCILLA E CAMÕES, JULGADOS POR A. DE HUMBOLDT COMO PINTORES DA NATUREZA. (1)

Os descobrimentos dos paizes remotos, além dos diarios dos navegantes, produziram mais de um poema epico entre as nações que primeiro entraram n'esta brilhante e ousada carreira. E não eram aqui excedidas pela realidade as ficções dos antigos poemas de cavallaria? Por isso os aventureiros hespanhoes tiveram a sua *Iliada*, a *Araucana*. É uma extensa epopéa historica de um poeta guerreiro, D. Alonso de Ercilla e Zuñiga, o qual, no reinado de Carlos V, serviu no Peru e no Chili, e cantou os feitos em que, longe da sua patria, tinha tomado parte gloriosa. Acha-se em todo elle um nobre sentimento de patriotismo: a pintura dos costumes de um povo selvagem, que succumbe nas montanhas da Arauca defendendo contra os hespanhoes a independencia da sua patria, não é falta de interesse, nem de vida: especialmente os combates são pintados com uma verdade, que mostra sempre que o poeta teve parte n'el-

(1) O importante artigo, que com este titulo offerecemos aos nossos leitores, é um fragmento do 2.^o volume do admiravel escripto que, com o nome de *Cosmos*, está publicando o celebre *Alex. de Humboldt*, gloria da Alemanha, assim pela elevação e grandeza dos seus talentos, como pelo seu immenso e profundo saber, quasi sem excepção, em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Pedimos aos nossos leitores que attendam a que o objecto do auctor não é fazer um juizo critico dos dois poemas epicos mais celebres da Peninsula hispanica; mas somente avaliar a influencia que no seu merito descriptivo tiveram os descobrimentos dos portuguezes e dos hespanhoes, e especialmente o do *Novo-Mundo*.

les; mas, em summa, é uma composição historica, onde abundam as digressões frias: a dicção é pezada, e quasi sem mostras de inspiração poetica. Por isso admirariam os elogios que Cervantes faz a Ercilla na espirituosa revista satyrica da bibliotheca de D. Quixote, se se não attendesse á emulação apaixonada que reinava então entre a poesia italiana e a hespanhola. É sem duvida este juizo, muito parcial, que tem induzido a erro a Voltajre e a outros muitos criticos modernos sobre o merito d'esta obra. Uma cousa mais que tudo admira n'este poema, e é, que n'este Novo Mundo o escriptor esteja ainda inteiramente preocupado de recordações classicas, e que aquella natureza maravilhosa lhe não inspire nada: que nem o spectaculo de volcões cobertos de neves eternas, nem a vista de formosos valles cobertos de arvoredo, ou aquelles braços de mar que penetram no interior do paiz, nada lhe desse occasião a uma descripção viva e original. Nas marchas um soldado discorre sobre Virgilio e a morte de Dido, sem dar attenção ás grandes scenas que o rodeiam. Se o poeta se lembra um instante de descrever o paiz, é para fazer um arido catalogo de nomes geographicos, sem lhe acrescentar um epitheto que os caracterise.

O poeta portuguez, Camões, foi mais feliz que Ercilla; e com verdade eu não posso dizer o que se deve admirar mais na sua grande epopéa nacional, se a riqueza da imaginação do poeta, se a singular verdade das descripções. Não é a mim, por certo, que compete confirmar com a minha opinião o juizo de Frederico Schlegel, que, quanto á vivacidade das cores e á maravilhosa riqueza da phantasia, põe os *Lusiadas* muito acima do poema de Ariosto; mas por certo me é dado acrescentar, na qualidade de observador da natureza, que nunca houve poeta mais exacto na pintura dos phenomenos naturaes; e que em nenhuma parte da sua obra, nem o entusiasmo de cantor inspirado, nem o ornato da sua linguagem, nem os seus melancholicos pensamentos o fizeram um só instante infiel a esta especie de verdade physica. A sciencia pôde aceitar as suas descripções, ao mesmo tempo que a imaginação é arrebatada pelas suas pinturas. É realmente o céu da India; são os variados aspectos do oceano. Sente-se em todos estes cantos, ou já escriptos na gruta de Macau, ou já no desterro das Molucas, um cheiro embriagante de flores dos tropicos. O auctor viu, ou antes observou, e observou como poeta. Por isso não é possivel deixar de notar em toda a parte a viva physionomia dos grandes quadros da natureza, pintados por elle. Mas onde Camões é particularmente inimitavel, é nas pinturas do mar: nunca ninguem soube melhor perceber, nem pintar melhor estas mysteriosas harmonias que reinam entre a atmospheria e o mar, entre as mil conformações variadas que tomam as nuvens no céu, na successão dos seus phenomenos meteorologicos, e os diversos aspectos, que, reflectindo-os, apresenta a superficie do oceano. Ora é uma doce brisa que lhe enrespa a superficie, enchendo-a como de carneiros, e d'estas pequenas vagas quebradas faz sair brilhantes faiscas de luz que alli parece mover-se: ora é a tempestade, com todos os seus horrores, que se levanta em roda das náus de Coelho e de Paulo da Gama, e solta os elementos enfurecidos. Todos estes quadros são de uma verdade palpavel. Camões tinha podido estudar pausadamente os phenomenos do mar. Soldado, tinha feito a guerra, não só ao pé do Atlas, no interior de Marrocos, mas tambem nas margens do Mar Vermelho e do Golpho Persico: duas vezes dobrou o Cabo das Tormentas, e com a sua paixão tão viva pela natureza, tinha podido, em dezesseis annos de solidão nas costas da India e da Chi-

na, observar as alternativas do oceano. Nada lhe escapa: em um lugar descreve os pennachos electricos do fogo de Santelmo, que os pilotos da Grecia cuidavam ser Castor e Pollux, mas a que elle chama

..... o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta: (1)

—n'outro lugar é a tromba assustadora com as suas successivas transformações; e se vê

..... levantar-se
No ar um vaporzinho, e subtil fumo
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado um cano ao polo summo
Se via tão delgado que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co'as ondas ondeando,
Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada,

.....
Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céu chovendo emfim voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe;
A's ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe;
Vejam agora os sabios. . . .

accrescenta o poeta

Que segredos são estes da natura,

palavras com que parece dirigir-se ainda aos sabios de hoje, que, fundados só na sua intelligencia e no seu saber, não duvidam tractar de visões as cousas que ouvem contar ao navegante, que só tem por si a experiencia.

Mas se Camões é superiormente admiravel nas pinturas do mar, as scenas terrestres não lhe chamaram tanto a sua attenção. Já Sismondi notou com razão que em todo o poema se não acha nenhuma verdadeira pintura da vegetação dos tropicos, e da physionomia particular das plantas d'aquelles novos climas. O poeta apenas mencionou algumas plantas aromaticas, producções que eram objecto de commercio. O episodio da ilha encantada encerra um delicioso quadro de paisagem, mas quadro commum e classico. Que se acha n'elle além das plantas banaes, com que forçosamente se ha de ornar uma ilha de *Venus*, murtas, cidreiras, limoeiros odoríferos, romceiras, e outras arvores selvagens na Europa meridional, e ainda mais nas poesias pastoris d'aquella epocha? O poeta n'este lugar julga-se infelizmente obrigado a entrar na natureza de convenção da poesia contemporanea. (2) Quanto não ha em Christovam Colom-

(1) Estas palavras acham-se no *Cosmos* citadas em portuguez.

(2) Sem pretendermos combater as opiniões do illustre sabio, e ao mesmo tempo sem pretendermos achar nos *Lusiadas* perfeições que lá não haja, devemos aqui declarar que tendo muitas vezes notado,

bo com uma observação exacta das fórmulas da vegetação estranha que se offerecia aos seus olhos, um sentimento muito mais verdadeiro, e um enthusiasmo mais francamente poetico, em vista de novas costas cobertas de bosques! Mas o almirante escrevia um *diario de viagem*, onde consignava diariamente as suas vivas impressões, ainda sob o imperio da sua imaginação abalada, e Camões compunha um poema epico para immortalizar os feitos dos portuguezes, juntando aos factos as maravilhosas creações da phantasia poetica. Que pintasse o oceano, é natural. Os navegantes luctam com o mar; é um combate de todos os dias; e demais, em toda uma viagem sempre ha tempo para estudar os phenomenos mais ou menos terriveis do mar; mas chegados a terra, a lucta é quasi só com os homens; a acção que se trava não deixa ver a natureza. A paisagem torna-se um fundo de quadro a que se não dá importancia, quadro em que os guerreiros ou os mercadores portuguezes animam a parte principal. Ainda mais: e não faltavam as palavras para pintar a natureza nova da India? onde buscaria comparações ou epithetos? Adoptará o poeta os nomes das plantas novas, do idioma barbaro dos naturaes do paiz? Uma descripção laboriosa, fórmulas singulares, cousas sem nome, não podiam deixar de repugnar a um poeta costumado á sonora harmonia da sua lingua natural.

Comtudo não deixou Camões de ter algumas vezes singulares ousadias nas grandes descripções picturescas, no seu tempo muito originaes; nem deixou de esboçar em linhas ousadas a physionomia geral dos continentes. É assim que no 3.^o canto faz uma pintura rapida de toda a Europa, desde as mais frias regiões do norte até

Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano.

Mas é especialmente aos costumes e á policia dos povos do Meio-dia que elle dá mais attenção; em breve passa pela Prussia e pela Moscovia, nações septentrionaes,

..... que o Rheno frio
Lava (1)

Para chegar ás deliciosas regiões da Grecia

Que creastes os peitos eloquentes
E os juizos de alta phantasia.

No 10.^o canto o espectáculo é ainda maior. Tethys conduz o Gama a um alto monte para lhe descobrir os segredos da

..... grande machina do mundo,

e o curso dos planetas segundo o systema de Ptolomeu, que então reinava. É uma visão no estylo do Dante. Depois de ter descripto o todo do universo, o poeta torna ao globo terrestre que lhe fica no centro, e expõe então tudo o que se sabia dos paizes n'aquelle tempo já descobertos, e das suas producções:

como Humboldt, que todas as plantas que aformoseam a ilha dos amores, se encontram em Portugal, nos tem sempre parecido que n'isto houvera uma intenção patriotica no pensamento do poeta; conjectura que não será inverosimil para quantos tiverem admirado, (e certamente são todos os que tem lido os *Lusiadas*) o extremado amor da patria em que se abrazava o peito de Camões; e que ainda mais se confirmará com a explicação que se lê nas estancias com que termina o canto 9.^o do poema.

(1) Tambem estas palavras se acham em portuguez no *Cosmos*.

aqui já não é sómente um mappa picturesco da Europa, como no 3.º canto; é um quadro de todas as partes do mundo, sem exceptuar a terra de Sancta Cruz (o Brasil), e a costa descoberta por.

. . Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, mas não na lealdade.

Camões, posto que se encerrasse em um quadro classico, foi um dos primeiros que abriu caminho a uma poesia nova: o seu genio percebeu alguns dos maravilhosos recursos que um mundo novo ainda vinha dar á poesia.

- CARTAS INEDITAS DE ALEXANDRE DE GUSMÃO.

ENTRE OS NOSSOS escriptores politicos occupa logar distincto Alexandre de Gusmão, o secretario particular de D. João V. Publicaram-se duas collecções das suas obras, impressas no Porto, uma em 1841 pelo Sr. J. M. T. de C., e a outra em 1844. Na primeira vem as *Reflexões* d'aquelle illustre brasileiro contra o que escreveu o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, que havia governado a Colonia do Sacramento, a respeito do Tractado de Limites da America. A segunda reproduz a *Exposição* dos mal remunerados serviços de Alexandre de Gusmão, impressa no 1.º vol. do antigo Panorama, pag. 155 e 166. Comprehende tambem esta collecção uma *Apologia* do mesmo Tractado, publicada, pela primeira vez, no 7.º vol. do Panorama, com os elogios correspondentes ao valor litterario e politico d'este discurso.

Lê-se no prefacio da 1.ª Collecção: «A resposta ao brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, relativamente á conveniencia dos Tractados dos Limites da America, que vieram pôr termo ás continuas desavenças entre Portugal e a nação vizinha, é obra de muito primor, &c. Ahi apparecem grandes conhecimentos topographicos do paiz, do seu commercio, das suas relações, das suas vantajosas posições, dos seus futuros melhoramentos, e de tudo quanto importava á prosperidade e quietação da sua patria.»

Tudo isto é certo, e prova o grandissimo talento do auctor, que assim sobresaía, defendendo, no ultimo quartel da vida, opiniões contrarias á sua, que elle desejou revelar á posteridade, já que o não podia fazer, sem perigo, aos contemporaneos.

Chegou o tempo d'este louvavel desejo ser cumprido, de se fazer uma revelação, talvez não inutil á nossa historia diplomatica.

Entra na collecção manuscrita que temos de algumas das obras de Alexandre de Gusmão, a Apologia do Tractado de Limites: uma nota marginal declara ter sido feita por ordem do governo. Segue-se-lhe a impugnação do papel do brigadeiro Vasconcellos com est'outra nota no fim: «Gusmão foi obrigado a fazer estes papeis, e os fez contra sua vontade, e por isso, posto que em segredo, desabafou com a seguinte carta, que logo depois escreveu.»

Eis-aqui a carta, copiada da minuta por lettra de Alexandre de Gusmão, e ás outras a que allude.

Sr. M. el Per.ª de F.ª

He bem verdade, que fiz hua tal, ou qual Apologia ao Tractado de Limites da America, e tambem hua refutação ao Papel, contra o mesmo Tractado, que escreveu Antonio Pedro de Vasconcellos governador que foi da Collonia: nunca escrevi mais involuntario, mas como foi por ordem superior, estou persuadido, que não devo ser castigado. O que não obstante, logo me desforcei, escrevendo a esse respeito,

o que se achará nos meus Papeis, se acaso houver quem os lêa: reporto-me a M. r Lapin (*), que satisfará a V. M., mas digo finalmente, que se não tivera m. r e f. os nunca passára por este trabalho.

Logre V. m. boa saude, e toda a sua casa, e tenha-me sempre na sua graça, porq. sou

O portador leva a copia da carta de mimo de agradecimento da Apologia, e tambem a minha resposta.

De Vm. co

Am.º m. to obrig.º e m. to v. or

A. de G.

Copias das cartas concernentes ás Memorias secretas.

(Carta de Nuno da Sylva Telles para Alexandre de Gusmão.)

Sr. Alexandre de Gusmão.

* Ainda hoje chegarão a esta casa as copias dos dois Papeis, que V. S.ª doutamente escreveu em defesa do Tractado de Limites, Tractado, que tantos desgostos nos tem causado. E como V. S.ª com esta sua Apologia, e defesa do Tractado, defende ao mesmo tempo a honra da nossa familia: eu lhe rendo as graças, e offereço em nome de toda ella esse anel, que se deo ao embaixador por brinde da negociação do mesmo Tractado, affiançando a ousadia desta minha offerta com a fé da nossa antiga amizade. Desejo a V. S.ª a mais feliz saude e estimarei ter muitas occasiões de poder empregar-me em servir, e dargosto a V. S.ª Deus guarde a Pessoa de V. S.ª muitos annos. Casa em 10 de Maio de 1750.

De V. S.ª

Ven. or Cap. to e fiel Servidor

Nuno da Silva Telles.

(Resposta de Alexandre de Gusmão.)

Ill. mo e R. mo Sr.

Pelo mesmo portador da Carta receberá V. S.ª o anel na propria caixinha em que elle vinha: Eu não quero dar a V. S.ª a resposta que merecia esta sua offerta; considere V. S.ª com attenção os motivos que me farião lembrar, pois eu sei, que os não ignora, e persuada-se V. S.ª que ma embargou a nossa antiga amizade, obrigando-me a fazer-lhe este sacrificio. Fico para servir a Ill. moª Pessoa de V. S.ª, a quem dezejo saude com felicidades.

Deus guarde a V. S.ª escrita em 10 de Maio de 1750.

Beija as Mãos de V. S.ª

Seu m. to Ven. or e affect.º Crd.º

Alexandre de Gusmão

(Continua.)

VAI MUITO DO VIVO AO PINTADO.

QUANDO o melodrama reinava no theatro do Panorama Dramatico, que já não existe, lembraram-se de pôr em scena a acção estupenda d'um pastor chama-

(*) Manuel Coelho de Lima Coutinho, de quem herdamos estes papeis. Alex. de G. falla nelle na 3.ª carta dirigida a Martinho Velho da Rocha Oldenburg. 1.ª Collec., pag. 77.

mado Pourril, o qual, por algumas moedas de ouro, se confessou réu d'um crime que não commettera. Para que a illusão fosse perfeita queriam fazer tudo ao vivo, e, desprezando os pobres carneiros de papelão e sarapilheira pintada, que até alli tinham feito tão bom serviço, foram em cada d'um rebanho de carneiros de carne e osso, que obedecesse ao som da gaita capadeira.

Umaz vinte creaturas lanzudas, mansas como borregos que eram ou tinham sido, foram escripturadas (já se sabe, por intervenção d'um empresario, que sempre esta gente acode quando ha lã que se possa tosquiar) para realçarem o espectáculo; com a obrigação de *consagrarem exclusivamente o seu talento ao theatro a que se ligavam.*

O empresario metten na algibeira o dinheiro do ajuste, deu ao seu rebanho uns grãos de milho, dizem as más linguas que avariados, e trouxe-o ao ensaio. Que docilidade nos *debutantes!* iam para onde os levavam. O contra-regra não cabia em si de contente.

Chegou o dia ou a noite da primeira representação (no theatro faz-se da noite dia e do dia noite); o rebanho saiu detraz dos bastidores n'uma desordem que parecia recommendada, ensaiada, *feita de proposito.* Balou em choro sem desafinar muito, e formou um *picturesco tablau* á roda do pastor.

Os animaes sempre são applaudidos. Uma trovada de palmas abalou as paredes da casa. Ninguem tinha previsto o effeito que podia produzir o estrondo da *gratidão* do respeitavel em miolos de carneiro. O que é o descostume! As fileiras da carneirada desordenaram-se, do meio d'ellas saiu o balido de — salve-se quem poder — e o corpo pôz-se em debandada. O carneiro mais intrepido na fuga chega á bocca da scena, e alira consigo acima da orchestra; os outros enfiam atraz d'elle. Não ha pincel que descreva o reboliço que este assalto fez n'uma frisa cheia de senhoras. Não ha expressões que pintem as gargalhadas dos espectadores, os gritos dos cercados, as pragas dos musicos, que, armados de rabecões, d'arcos, de rabecas, de trombones e de fagotes, defendiam a orchestra da invasão, a todo o transe.

A peleja durou mais de duas horas; á guarda do theatro e mais dois ou tres moços do açougue deulhe agua pela barba para conduzirem os sublevados ao curral.

No dia seguinte não tiveram outro remedio senão tornar-se aos papelões, que sempre prestaram para muito.

PYROXYLINA OU ALGODÃO-POLVORA.

DEPOIS do 1.º artigo (inserido no Panorama, pag. 179) fizeram-se á Academia das Sciencias de Paris importantes communicações acerca da preparação, effeitos, e inconvenientes da nova polvora, de que vamos dar uma noticia succinta.

Preparação. — Não é necessaria a immersão repetida do algodão na mistura de acido nítrico e sulphurico, que se tinha indicado, nem que elle fique um quarto de hora dentro do liquido. O celebre chimico, Mr. Payen, estudou a maneira de evitar os desastres que podem acontecer na preparação da pyroxylina, principalmente quando as quantidades são grandes, e parece que resolveu este problema. No seu relatorio assignala os perigos que resultam de não ficar o algodão bem coberto do acido, e recommenda que a immersão seja completa, assegurando que não ha inconveniente em que o algodão se conserve no liquido quarenta e oito horas. Conhecendo-se, porém, que nem sempre dava bom resultado a prepa-

ração da pyroxylina feita com a mistura dos dois acidos, aconsellhou Mr. Millon a Mr. Gaudin que puzesse o algodão de mólho n'uma mistura de porções determinadas de acido sulphurico e de azotato de soda ou de potassa. A practica provou que se não tirava proveito do azotato de soda, e as experiencias de Mr. Gaudin habilitaram-n'o para publicar um processo, que a elle lhe parece infallivel, para preparar a nova polvora, com toda a sua força, nos mais pequenos locais.

«Pulverisai salitre refinado ordinario (desseccado ou não desseccado), *mas que não esteja humido,* e depois de o metter n'um vaso de vidro ou de porcelana, junctai-lhe bom acido sulphurico concentrado do commercio (acido monohidratado) mexendo a mistura com uma vareta de vidro ou de páu, de modo que forme umas papas raras; passados alguns minutos, quando a mistura tiver outra vez engrossado, junctai-lhe mais acido sulphurico, até que o todo, bem misturado, tenha a consistencia d'um xarope; depois deita-se-lhe dentro o algodão, o papel, o trapo, &c., conchegando-o bem. Quasi sem demora se fará em massa, e ao cabo de um quarto de hora metteis o vaso dentro d'agua para dissolver o sal adherente; por ultimo lavareis em muita agua, e seccai como é costume.»

O algodão curto é mais barato e dá melhores productos que o algodão comprido, segundo o parecer de MM. Combes e Flandin.

Enxugo. — Esta operação é muito perigosa, e requer por tanto que haja muita cautela, quer se trate do algodão polvora, quer do papel azotico; não convém que se accelere aquecendo o ar por meio de brazeiros, mas pede a prudencia que se faça em estufas cuja temperatura seja constante e muito moderada. Mr. Piobert fez ver que uma corrente de ar quente inflamma muitas vezes o algodão azotico em menor temperatura que a de 100º. Por esta occasião expoz Mr. Payen que existiam talvez muitas causas de inflammação accidental, mas que estava provado que as correntes de ar, mesmo aquecido com moderação pelos caloriferos, fogões, ou brazeiros, podiam inflamar o algodão-polvora, em quanto que a pyroxylina, posta em contacto, no seu laboratorio, com paredes delgadas de metal e de porcelana, aquecidas pelo vapor d'agua, nunca se inflamou. Novas experiencias, feitas por este chimico em companhia de alguns dos seus collegas, confirmaram que as correntes de ar, aquecidas por meio de chapas metalicas ou paredes de alvenaria, inflamam o algodão, por mais cautela que haja em que a temperatura, termo medio, não passe de 25 a 30º; o que nunca succedeu toda a vez que a dessecação, aliás mais prompta, se fez em temperatura proxima á de 100º, transmittindo-se o calor, produzido pelo vapor ou pela agua a ferver, ás superficies metalicas que elevam a temperatura do ar ou do algodão.

Parecia por tanto que uma estufa de corrente de ar, aquecida a 30 ou 36º pela circulação d'agua ou do vapor, preencheria as condições de segurança; com tudo Mr. Gaudin, persuadido, com razão, que do fabrico do algodão-polvora se deve proscreever o emprego de todo o calor, procurou descobrir um meio de seccar de prompto e a frio, em uma camara fechada, cheia de cal viva pisada, e a que extrahе o ar um ventilador helicoidе: o algodão que se pertende seccar, mette-se dentro d'uma mangueira, construida de modo que o atravessa uma corrente continua de ar secco, a qual lhe vai tirando a humidade em porção do augmento da temperatura ambiente, até se converter toda a cal viva em hydrato pulverulento.

(Continúa.)